

EJE TEMÁTICO 2: Programas y tipologías de la ciudad moderna

PALÁCIOS E PALACETES: A moradia burguesa na Manaus da *Belle Époque*

Arq. Kedman Redman Comapi

FAU Universidade Nilton Lins | Manaus, Brasil

kedcomap2@gmail.com

Wanessa Lima da Silva

FAU Universidade Nilton Lins | Manaus, Brasil

limawanessasilva@gmail.com

Taise Costa de Farias

PPGAU UFPB FAU Universidade Nilton Lins | Manaus, Brasil

tfarias@niltonlins.br

Resumo

Em arquitetura, ecletismo designa a atitude dos arquitetos atuantes no século XIX que utilizavam elementos da história, com a intenção de produzir uma nova arquitetura. Na nova cidade, as construções passam a refletir através da sua aparência o papel que tem ou pretende ter o seu proprietário, bem como o seu *status* dentro da sociedade moderna. Em Manaus, as mudanças econômicas, sociais e urbanísticas ocorridas na última década do século XIX, advindas da economia da borracha também irão sofrer influências do contexto de urbanização e modernização das cidades brasileiras desse período. A disseminação dos ideais de modernidade através da Manaus da *Belle Époque*, tendo na Europa e na capital do Brasil os centros irradiadores de padrões a serem seguidos pela elite da época, traz para a cidade de Manaus, no Amazonas, novos olhares sobre o espaço urbano, os hábitos e costumes. Naquele momento a imagem da cidade embelezada e urbanizada, atendia as aspirações de uma nova burguesia em ascensão, ávida para demonstrar o seu status. Como um dos resultados e ícone dessa modernidade temos os palacetes que passaram a ser os locais privilegiados da moradia burguesa. Assim foi se consolidando, esta nova tipologia de grandes casas isoladas nos lotes, cercadas de grandes jardins e especialmente organizadas para atender a nova forma de morar, ditadas pelos códigos de obras, mas principalmente embelezadas pelo repertório eclético ditado por todo o país. Dessa forma, o objeto de pesquisa deste projeto é a produção arquitetônica dos palacetes e palácios do final do século XIX e início do século XX, na cidade Manaus, no Amazonas, Brasil tendo no ecletismo referências de ideais e padrões a ser seguido.

Instituição organizadora

HiTePAC

Historia, Teoría y Práxis de la Arquitectura y la Ciudad
Instituto de Investigación

Facultad de Arquitectura y Urbanismo

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA

Instituciones asociadas

UNIVERSITÉ PARIS 1
PANTHÉON SORBONNE

EA4100
EQUIPE D'ACCUEIL
CULTURELLE
DU S-WAT

ED

paris-belleville
école nationale supérieure d'architecture

ipraus
institut parisien de recherche architecture
urbanisme société

AUSser
univ 3329 du cors

Auspician



COMISION NACIONAL DE MONUMENTOS,
LUGARES Y BIENES HISTORICOS

af
Alliance Française
La Plata



ICOMOS Argentina
CONSEJO INTERNACIONAL
DE MONUMENTOS Y SITIOS

AGENCIA

AGENCIA NACIONAL DE PROMOCION
CIENTIFICA Y TECNOLÓGICA

Palavras-Chaves: PALACETES; PALÁCIOS; ECLETISMO.

1. Introdução

A cidade, como produção da ação humana, é o reflexo de valores, construções históricas, sociais e culturais, que se relacionam com o imaginário. A arquitetura, como fenômeno da cultura humana, dá forma à sociedade através das suas expressões simbólicas, funcionais e técnicas. Aqui interessa-nos alcançar seu imaginário através da leitura da produção arquitetônica residencial eclética, do século XIX início do século XX, na cidade de Manaus, durante o período conhecido como *Belle Epoque*, mais precisamente os palácios e palacetes.

Em arquitetura, ecletismo designa a atitude dos arquitetos atuantes no século XIX que utilizavam elementos - estéticos, históricos, construtivos - da história, com a intenção de produzir uma nova arquitetura. Os arquitetos desse período caminharam por todas as doutrinas e teorias do passado com o objetivo de situar a arquitetura no seu tempo.

O Ecletismo Europeu se difere daquele desenvolvido no Brasil, já que aqui o passado para o qual os arquitetos se voltaram não era nacional, sua afirmação não implicou no conhecimento da tradição anterior e sim na ruptura com os vestígios coloniais que persistiam no país – apesar do neoclassicismo trazido pela Missão Francesa. No entanto, destacar esse fato não é desconsiderar a importância desse movimento estético como faz Bruand (2010), quando considera a arquitetura brasileira desse período “caracterizada pela falta de originalidade e por um complexo de inferioridade”, interessada apenas na imitação “de obras de maior ou menor prestígio pertencentes a um passado recente ou longínquo, quando não eram meras cópias da moda então em voga na Europa” (BRUAND, 2010, p.33) ou Zevi (2009), ao afirmar que o século XIX foi “uma época de mediocridade inventiva e de esterilidade estética” (ZEVI, 2009, p. 119).

No Brasil, o fim do século XIX e início do século XX foram de grandes transformações econômicas, políticas e sociais, que refletiram em mudanças urbanas e arquitetônicas, com o objetivo principal de transformar o país em um lugar moderno, deixando para trás o passado colonial. Nesse mesmo momento, a Europa ditava para o mundo o movimento Eclético que passou a ser visto como sinônimo de modernidade e progresso, sendo adotado por muitos países que buscavam alcançar esse *status*, incluindo o Brasil.

Em Manaus, as mudanças econômicas, sociais e urbanísticas ocorridas na última década do século XIX, advindas da economia da borracha também irão sofrer influências do contexto de

urbanização e modernização das cidades brasileiras desse período. A disseminação dos ideais de modernidade através da Manaus da *Belle Époque*, tendo na Europa e na capital do país os centros irradiadores de padrões a serem seguidos pela elite da época, traz para a cidade de Manaus novos olhares sobre o espaço urbano, os hábitos e costumes. Assim, como afirma Dias (2007):

A modernidade em Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. (DIAS, 2007, p. 29)

No entanto, torna-se significativo o período áureo da borracha, tendo em vista que foi a partir desse momento que ideais como “modernidade” e “civildade” passam a se tornar presentes no vocabulário das autoridades e da elite, assim como na percepção dos moradores locais. Como um dos resultados e ícone dessa modernidade temos os palácios e palacetes que passaram a ser os locais privilegiados da moradia burguesa. Assim foi se consolidando, como imagem da cidade daquela época, esta nova tipologia de grandes casas isoladas nos lotes, cercadas de grandes jardins e especialmente organizadas para atender a nova forma de morar, ditadas pelos códigos de obras, mas principalmente embelezadas pelo repertório eclético ditado por todo o país. Dessa forma, o objeto de pesquisa deste projeto é a produção arquitetônica dos palacetes e palácios do final do século XIX e início do século XX, na cidade Manaus, no Amazonas – Brasil, tendo no ecletismo referencia de ideais e padrões a ser seguido.

2. Arquitetura eclética no Brasil

O ecletismo, na arquitetura, tem sua origem ancorada na renovação de pensamento instaurada pelo Iluminismo. Esse movimento que se caracterizou pela valorização do progresso e da razão, aprofundou o questionamento sobre o “belo” e o “gosto” até então estabelecidos pelos cânones clássicos. A beleza e o belo tornam-se algo subjetivo ligado diretamente ao gosto do próprio artista e do seu tempo, livre de regras absolutas.

A partir daí uma série de importantes publicações ilustradas permitiram aos arquitetos buscarem outros meios para expressarem a arquitetura do seu tempo. Essa relação entre a teoria, o estudo da história – através da arqueologia – e a prática do projetar ficou evidente

nas obras neoclássicas, que associou o racionalismo do iluminismo e uma arquitetura construída com base na tradição clássica. Primeiramente, vieram as obras neogóticas em contraposição as neoclássicas e dessa coexistência inicial veio à tona, no panorama arquitetônico, a expressão “Ecletismo”, que designou a tolerância de duas ideias ou dois comportamentos concomitantes. Para Lemos (1987), após o neogótico vieram outros “neos” que formaram a corrente historicista e a partir desse quadro, chegou a “licença poética” do ecletismo, que “seria a liberdade ou licença de criar, de recriar, ou combinar formas, de misturar ornamentações próprias de estilos definidos regionalmente pela Europa afora” (LEMOS, 1987, p. 71).

Assim, o ecletismo trabalha as referências históricas buscando uma nova arquitetura que fosse de acordo com os novos tempos, o tempo moderno. Dessa maneira, a padronização característica da doutrina clássica foi substituída pela diversidade de elementos e composições arquitetônicas - a liberdade na arte opondo-se à rigidez acadêmica.

É importante frisar que o Ecletismo foi contemporâneo a outras tendências artísticas, os já citados, neoclássico e neogótico, além do *Art Nouveau* – desenvolvido na Europa entre os anos de 1890 e 1910 - e do *Art Déco* – iniciado por volta de 1925 - conseguindo sucessivas conquistas, principalmente por ser o estilo mais apreciado e requisitado pela burguesia da época, além de ser a vertente oficial da *École Supérieure de Beux-Arts*, criada na França por Napoleão e que teve repercussão mundial.

No âmbito deste trabalho, mais que uma escolha entre estilos ou uma produção poli estilística, considera-se o ecletismo como uma expressão arquitetônica de uma sociedade onde se afirmava o poder burguês ou estilo de vida burguês, e que a volta ao passado foi encarada como índice da sua pretendida modernidade (FABRIS, 1987).

Essa dialética entre arte e progresso, história e ciência, tradição e novidade era a grande característica da modernidade, ou seja, “uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (BERMAN, 2007, p. 24).

Os arquitetos da época passaram a adotar o uso da composição na concepção dos projetos arquitetônicos, que se referia a capacidade de associar, justapor e integrar elementos heterogêneos em um conjunto harmônico, ou seja, através da composição era preciso tornar coerente a construção, sua estrutura, e seus ornamentos. Muitos arquitetos se dedicaram aos

ornamentos e a sua função dentro da concepção do projeto. Para eles, o ornamento deveria estar integrado ao edifício e não apenas acrescentado.

Seguindo essa linha, Pateta (1987) apresenta o ecletismo como “a cultura própria de uma classe burguesa” que “rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto”.

Para o Benévolo (2011, p. 29), o historicismo “pode ser considerado como uma espécie de redução ao absurdo da cultura renascentista, e surge como um epílogo que encerra o ciclo três vezes secular do ‘Classicismo Europeu’”. Destaca ainda que:

(...) o historicismo parece uma abertura para o futuro, uma vez que consentiu, exatamente em virtude de sua qualidade de abstrato em adaptar a linguagem tradicional, até o ponto em que foi possível, às novas exigências, e amadurecer, nesse interim, as novas experiências que irão conduzir ao movimento moderno (BENEVOLO, 2011, p. 29).

Entre os opositores do Ecletismo, destaca-se o nome de Nicolau Pavsner, que ressaltou o aspecto variado das fachadas e definiu o ecletismo como um “Baile de Máscaras”. Por outro lado, o francês François Loyer defende o estilo dizendo que o “ecletismo não é pastiche gratuito e aleatório”, e sim a “opção consciente pela diversidade de linguagem, coerentes com a destinação dos edifícios, tanto dos de caráter oficial e utilitário quanto dos particulares” (LOYER *apud* SALGUEIRO, 1987, p. 106).

As críticas ao movimento eclético já estavam presentes em 1852, onde o arquiteto Viollet-Le-Duc, o grande apreciador do estilo Neogótico, sustentava que a arquitetura deveria estar baseada na sua funcionalidade e no respeito aos materiais e, a partir dessa afirmativa, criticava o Ecletismo pela valorização que o aspecto decorativo assumia para o estilo.

Da mesma maneira que a arquitetura sofreu modificações, a cidade também apresentou uma nova escala de fenômenos, como as ferrovias, por exemplo, e preocupações com o grande crescimento no número de habitantes, veículos e serviços. Para tanto, o urbanismo da época apresentou intervenções na cidade preexistente, através da transformação dos antigos muros de defesa em alamedas arborizadas e a abertura de novas artérias de cruzamento – exigência do tráfego e da higiene. O modelo projetual para as mudanças urbanas era o de Paris das reformas do Hausmann e posteriormente, no continente americano, os exemplos de Washington e Buenos Aires. A eficiência das reformas parisienses uniu-se aos conceitos advindos da teoria do urbanismo do século XIX – especialmente os ingleses – orientando, como já foi dito, a reformulação na malha urbana existente e a regulamentação das áreas em

expansão. O saneamento e o conforto habitacional passaram a fazer parte do discurso ideológico dos governantes, bem como dos arquitetos da época, a fim de obterem a aprovação da sociedade – usuários – para as reformas pretendidas.

No Brasil, o Ecletismo deriva do primeiro revivalismo – o neoclássico – desenvolvido na primeira metade do século XIX e difundido pelos arquitetos em todo o país. As cidades brasileiras procuravam adotar o aspecto das metrópoles europeias e, dentre outros elementos, a arquitetura destaca-se para a definição dessa aparência modernizante. Annateresa Fabris (1987, p. 291), explica que esta adoção de seu como “desejo de ser parte integrante do universo ‘*Belle Époque*’”.

Assim, como ocorreu na Europa, no Brasil, o movimento eclético, também encontrou fortes opositores e críticos. A maioria condenava o aspecto formal do estilo que, para eles priorizavam o tratamento das fachadas – através dos ornamentos – revelando pouca ou nenhuma preocupação com a função da obra. Além disso, apontavam para o caráter não nacional, que não estaria de acordo com as tradições e realidade local.

Apesar de todas as críticas dirigidas ao movimento, o Ecletismo foi adotado em todas as regiões do País, sob diferentes influências, assumindo algumas variações regionais.

3. A arquitetura eclética em Manaus

Na região norte do Brasil, esse período assinalou uma fase de desenvolvimento baseado na comercialização da borracha. A inserção da região, principalmente da Amazônia, no mercado mundial, através da exploração desse produto, proporcionou a sua “modernização”. Derenji (1998), afirma que essa modernização aconteceu com bastante rapidez, fazendo com que em poucas décadas os melhoramentos se instalassem em cidades sob formas ainda coloniais. Devido ao pequeno porte das cidades da região, mesmo as capitais, tais reformas e modernização não ensejou demolições extensivas ao modelo “hausmanianno”, podendo adotar seus princípios sem destruir as pequenas áreas já ocupadas.

Walter Bejamim (1991), diz que Haussmann, que chamava a si próprio de “*artiste démolisseur*” (artista demolidor), tornou Paris uma cidade estranha para seus próprios habitantes: “não se sentem mais em casa nela. Começa-se a tomar consciência do caráter desumano da grande metrópole” (BENJAMIM, 1991, p. 41). Pode-se dizer que os poderes públicos, em favor dos coronéis da borracha, seguem o mesmo rastro do “artista demolidor”

na implantação do projeto modernizador de Manaus. A cidade que era um lugar comum modifica-se e estratifica-se segundo a configuração de classes, adequando-se a uma nova função social. A modernidade traz um novo estilo de vida e grandes transformações, não apenas materiais, mas também culturais, ou seja, uma cidade estranha para seus próprios habitantes.

A ideia de modernização da cidade é concebida na medida em que são obedecidos os padrões, os valores e os costumes do mundo moderno de influências europeias. Para melhor compreender o chamado período áureo da borracha em Manaus, o período de modernização da cidade, e sua influência sobre as obras urbanas e arquitetônicas na cidade, Mesquita (2006) o divide em três fases distintas:

- 1) *Fase da Instalação (1892-1900)*: período das grandes mudanças visuais da cidade, época em que foram introduzidos vários melhoramentos urbanos e um grande número de construções públicas e particulares;
- 2) *Fase da Bella Époque (primeira metade do século XX)*: fase da Bella Époque propriamente dita, quando se tornou possível usufruir os melhoramentos introduzidos na fase anterior;
- 3) *Fase da decadência (a partir de 1910)*: quando já não havia mais como esconder a perda do monopólio da borracha e a decadência da elite financeira;

Na primeira década do século XX, a imagem da cidade de Manaus se apresentava modernizada e embelezada, de acordo com as noções de progresso da época. Para Mesquita (2005), não há dúvida que “essas características foram intencionalmente confeccionadas a partir de uma concepção de cidade que permeou todo o trajeto de sua construção: das ações políticas à escolha dos projetos a serem implantados” (MESQUITA, 2005, p.12).

Em Manaus, a assimilação das formas arquitetônicas e dos modelos urbanísticos de influência europeia, na transição dos séculos XIX e XX, são comumente identificados como francesismo ou como influência inglesa (DERENJI, 1998). Mesquita (2006) destaca entre a arquitetura produzida em Manaus nesse período cinco tendências historicistas predominantes:

- 1) *Neoclassicismo*: a manutenção do neoclassicismo, um tanto tardio, prolongou-se até as primeiras décadas do século XX;
- 2) *Neo renascentista*: o estilo aparece principalmente nos prédios públicos e oficiais.
- 3) *Medievalistas*: construções comprometidas com alguns aspectos do estilo Românico, Gótico e alguns estilos orientais, como o Neoárabe;

4) *Ecletismo*: resultado da mistura de estilos acentuadamente contrastantes;

5) *Arquitetura do Ferro*: construções de ferro para serviços coletivos, em geral, ligados ao aparelhamento de infraestrutura urbana;

No entanto, pode-se dizer que desde o momento em que se construíram, no mesmo espaço, prédios com tendências estilísticas diversas, criou-se, em Manaus, um conjunto urbano eclético. A partir da última década do século XIX, vão surgir exemplares de aparência mais indefinida, mesclando elementos de diferentes estilos, por vezes dificultando sua classificação e seu uso atendia funções diversas, desde residências abastadas, quanto a prédios públicos.

4. Palacetes ecléticos na cidade de Manaus/AM

Na primeira década do século XX, a imagem da cidade de Manaus se apresentava modernizada e embelezada, de acordo com as noções de progresso da época. O impacto visual provocado por essa “nova” cidade encontra-se impregnado de significados. Elas representam não só a difusão de uma administração política, mas a propaganda do progresso. Naquele momento a imagem da cidade embelezada e urbanizada, atendia as aspirações de uma nova burguesia em ascensão, ávida para demonstrar o seu *status*.

Constata-se uma assimilação crescente de elementos e materiais industrializados, além da diversidade dos programas de necessidades, seja na arquitetura oficial ou privada, incluindo as preocupações de higiene, conforto e de decoração. Como um dos resultados e ícone dessa modernidade temos os palácios e palacetes que passaram a ser os locais privilegiados da moradia burguesa.

Como dito anteriormente, as transformações sócio econômicas e o Ecletismo trouxeram à arquitetura brasileira e em especial a moradia burguesa, novos materiais e tecnologias construtivas que proporcionaram aos seus moradores, através da valorização dos espaços internos, mais intimidade e conforto.

As novas moradias – os palácios e palacetes – exibiam espaços distintos das antigas construções coloniais, térreas e assobradadas, tanto nos elementos estéticos quanto na sua tipologia e implantação no terreno. As preocupações com a salubridade dos ambientes, em particular dos quartos, efetiva-se com a eliminação das antigas alcovas, a construção do porão alto e a implantação no terreno, agora com jardins e entrada lateral, rompendo definitivamente, com a antiga tradição colonial.

Neste sentido, Reis Filho (2004) afirma:

As primeiras transformações verificadas então nas soluções de implantação ligavam-se aos esforços de libertação das construções em relação aos limites dos lotes. O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o frequentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas em um dos lados; do outro, quando existia, reduzia-se ao mínimo. (REIS FILHO, 2004, p. 44).

Em Manaus, assim como em outras cidades brasileiras, foi necessário alterar os códigos municipais urbanos a fim de atender os preceitos de higienização e salubridade postos em prática a partir de então. Dessa maneira, a moradia burguesa dos palacetes, seguindo um modo de vida moderno, trazia em sua tipologia um programa bem definido de estar e serviço no pavimento térreo, a área íntima e de descanso no pavimento superior e o porão alto, que além de ser um recurso a favor da salubridade, também era usado como espaço para os empregados e/ou depósito.

Para este trabalho foi elaborada uma ficha cadastral, no qual as informações coletadas e analisadas das edificações foram sistematizadas, através de textos descritivos do seu histórico e características arquitetônicas relevantes, plantas e fluxogramas, além de fotos atuais. No início da pesquisa foi proposto a análise de nove palácios e palacetes ecléticos presentes na cidade de Manaus, no entanto apenas seis cadastros foram realizados e sistematizados nas fichas, devido à falta de informações e documentações.

O palacete “Casa Eduardo Ribeiro”, como é conhecido por ter sido moradia do ex Governador Eduardo Gonçalves Ribeiro, no período de 1890 a 1900, fica localizado no Antigo Bairro São José, Centro de Manaus. O palacete caracteriza-se pelo porão alto, no qual se destinava a área de serviço, onde os empregados passavam a maior parte do dia, e seu acesso principal pela lateral da edificação. A residência é composta por dormitório, circulação vertical e horizontal, dispensa e cozinha, com o acesso ao primeiro pavimento pelo lado oposto a entrada lateral principal, a qual era composta por sala de reunião, varanda, gabinete, elevador de serviço e salão de festa. No segundo pavimento encontra-se a área privativa, composta por dormitório, oratório, gabinete pessoal, hall da escada e varanda. (Figura 01)

O palacete 5 de setembro, construído em 1908, possui uma característica estilística peculiar por apresentar em sua composição elementos de inspiração Mourisca, como os arcos e frontão.

O Palacete Provincial foi construído em 1861 para ser residência do Capital da Guarda Nacional, Custódio Pires Garcia e em 1874, passou a abrigar simultaneamente, várias repartições públicas. A edificação está “solta” do lote, com jardins em seu entorno. Possui uma fachada simétrica, que remete ao neoclassicismo, no entanto, o seu frontão curvo e seus elementos ornamentais o caracterizam como eclético.

A atual Biblioteca Pública Municipal João Bosco Pantoja Evangelista foi construída em 1908 para ser residência de uma família portuguesa. O ano de sua construção aparece adornado na fachada sudeste e a data de 1907 nas telhas cerâmicas fabricadas pela “Cerâmica Saraiva de Carvalho”, em Lisboa, Portugal. A residência possui janelas com balcão entalado em ferro fundido e uma varanda balaustrada em sua lateral sustentada por colunas em ferro.

O Palácio Rio Negro ou “Palacete Scholz”, foi construído nos primeiros anos do século XX, pelo empresário alemão e exportador de borracha, Waldemar Sholz, para ser sua residência. A edificação tem dois pavimentos e três corpos, que são unidos por uma varanda cercada por balaústres e sustentada por colunas compostas, a variação de elementos decorativos cria uma dinâmica de cheios e vazios em sua fachada principal.

Outros exemplares de tipologias residências burguesas podem ser facilmente identificados na cidade de Manaus, no entanto, a falta de informações ou mesmo de acesso àquelas que existem, como plantas cadastrais, não permitiram a análise e sua sistematização nas fichas elaboradas.

Sendo assim, através das análises podemos concluir que a implantação das moradias apesar de possuírem recuos laterais e/ou frontais ainda se mantem presa ao paralelismo em relação ao lote. O acesso dos pedestres se dava normalmente pela rua principal, através de escadas que se apresentavam como elementos construtivo e ornamental de destaque.

O programa das residências se modernizou com a criação de corredores e *halls* que promoviam a circulação entre os espaços. As áreas destinadas à vida social - as salas de estar e jantar - ficavam distribuídas na parte frontal da residência e eram amplas e decoradas, enquanto que a parte íntima – os quartos - ocupava as laterais, preservando a intimidade dos seus usuários. Novos espaços surgiram, como os jardins de inverno, gabinetes, quarto de hospedes, salões de festas, bibliotecas e em alguns casos a garagem e dormitório para os empregados.

Quanto a ornamentação, estes representavam o poder aquisitivo dos seus proprietários, na diversidade dos materiais e elementos decorativos, como o vidro colorido, gradis em ferro

fundido, tabuados de madeiras nobres, papel de parede, detalhes em alto relevo, torreões, frontões recortados, colunatas, compoteiras e esculturas, todos com as mais diversas influências estilísticas, principalmente o *Art Nouveau*.

Apresentando as plantas numa geometria mais complexa, os palacetes possuíam no geral composições volumétricas mais dinâmicas, através dos planos de cobertura em quatro ou mais águas, as varandas cobertas e os terraços descobertos, além das escadas do acesso principal. Tais escadas externas, apresentavam-se como elementos importantes para o efeito plástico e estético da residência, assim como os guarda-corpos, corrimões e gradis de ferro fundido.

6. Conclusão

Ao longo das análises realizadas e sistematizadas nas fichas cadastrais podemos constatar que os palacetes e palácios da cidade de Manaus, assim como nas principais cidades do Brasil, no fim do século XIX e início do XX, evidenciam as transformações socioeconômicas da época, bem como as aspirações da burguesia, através de novos programas habitacionais, volumetria e plantas complexas, inserção de recuos e um amplo vocabulário ornamental, decorativo e de materiais.

Assim, concluímos que nesta nova cidade, reflexo da *Belle Époque* Manauara, as construções residenciais passam a refletir através da sua aparência o papel que tem ou pretende ter o seu proprietário, bem como o seu *status* dentro da sociedade moderna. Essa será uma das faces do ecletismo, aqui e em todo o Brasil: “a fachada explicita a participação do indivíduo no ‘grande teatro da vida urbana’, sua adesão à moda, à dignidade e ao bem-estar” (SALGUEIRO, 1987, p. 107).

7. Referências bibliográficas

- BENÉVOLO, Leonardo. (2011). *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva.
- BENJAMIN, Walter. (1985). Paris, capital do século XIX. In: *Textos de Walter Benjamin*. (p.30-43). São Paulo: Ática.
- BERMAN, Marshall. (2007). *Tudo que é sólido se desmancha no ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRUAND, Yves. (2010). *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.
- DERENJI, Jussara da Silveira. (1998). *Arquitetura nortista: A presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. (2007). *A ilusão do Fausto: Manaus – 1890 – 1920*. Manaus: Editora Valer.
- FABRIS, Annateresa. (1987). O Ecletismo à luz do modernismo. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. (p. 280-296). São Paulo: Nobel, EDUSP.
- LEMOS, Carlos. (1987). Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. (p. 69-102). São Paulo: Nobel, EDUSP.
- MESQUITA, Otoni. (2006). *Manaus – História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus: Editora Valer.
- PATETA, Luciano. (1987). Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. (p. 09-27). São Paulo: Nobel, EDUSP.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. (1987). O Ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. (p. 105-145). São Paulo: Nobel, EDUSP.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. (2004). *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- ZEVI, Bruno. (2009). *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

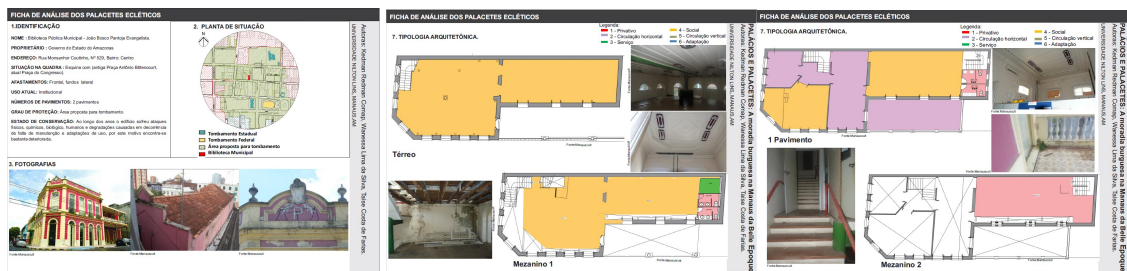


Figura 04: Fichas de análise do Palacete da Biblioteca Pública Municipal João Bosco Pantoja Evangelista. Fonte: Fichas produzidas pelas autoras, 2018.

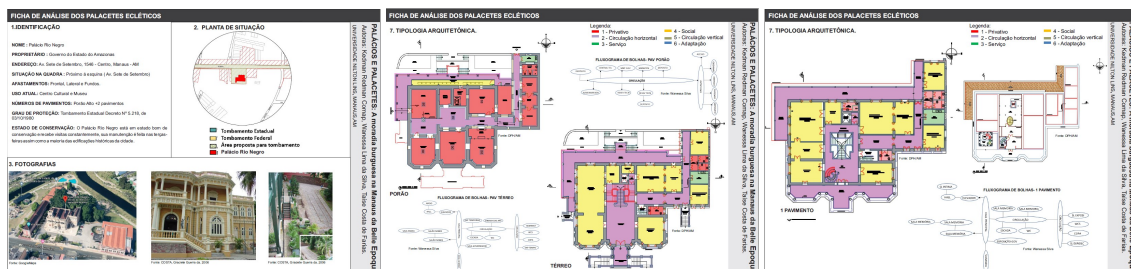


Figura 05: Fichas de análise do Palácio Rio Negro. Fonte: Fichas produzidas pelas autoras, 2018.